

BRASIGUAIOS OU FRONTEIRIÇOS? A NOÇÃO DE HABITUS PARA COMPREENDER O PERTENCIMENTO CULTURAL NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI

Jacira Helena do Valle Pereira*

RESUMO: O estudo focaliza a polissemia do termo fronteiriço e os possíveis entendimentos do conceito de “brasiguai”, compreendido como multifacetado, histórico e com uma dinâmica peculiar. Orienta-se por algumas indagações, tais como: seriam melhor designados os moradores da fronteira Brasil-Paraguai pela fusão dos prefixos “brasiguaios”? Além disso, como a noção de *habitus*, compreendida como ser e estar, corrobora para compreender as pertencas dos fronteiriços, existe um *habitus* de fronteiriço? Brasiguai e fronteiriço são sinônimos? No estudo são mobilizadas fontes históricas da memorialística regional, trabalhos acadêmicos sobre fronteiras internacionais e análises com aportes da teoria bourdieusiana. Opera-se com a noção de *habitus* na compreensão do sentimento de “ser e estar” na área da fronteira brasileira com o Paraguai e propõem-se elementos para pensar que na condição fronteiriça há uma identificação coletiva de grupo, no qual as disposições para partilhar dois territórios, isto é, a ambiência cultural deriva um *habitus*, adjetivado no estudo por *habitus* fronteiriço.

PALAVRAS-CHAVE: brasiguaios; fronteiriços; habitus.

ABSTRACT: The case focuses on the polysemy of the term frontier and possible understandings of the concept of “brasiguai”, understood as multifaceted, historical and with a peculiar dynamics. Guided by some questions such as: would be better called the inhabitants of the Brazil-Paraguay border merger by the prefixes “Brasi-guaios”? Moreover, how the notion of *habitus*, understood as being and wellbeing, confirms to understanding feelings of belonging border, is there a *habitus* border? Are brasiguai and border synonymous? In the study are mobilized historical sources of the regional memoirs, academic articles about international borders and analysis with contributions of Bourdieu's theory. Operates with the notion of *habitus* to understand the feeling of “being and wellbeing” in the Paraguay and Brazil border area and propose

(*) Professora do Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS. E-mail: jpereira.dou@terra.com.br

BRASIGUAIOS OU FRONTEIRIÇOS? A NOÇÃO DE HABITUS PARA COMPREENDER O PERTENCIMENTO CULTURAL NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI

elements to think that in the frontier condition there is a collective identification of group, whereupon the willing to share two territories, videlicet, the cultural ambience derives a *habitus*, called as frontier *habitus* in this study.

KEYWORDS: brasiguaios; frontier; habitus.

Introdução

Este estudo focaliza a polissemia do termo “fronteiriço” e os possíveis entendimentos do conceito de “brasiguaião”, compreendido como multifacetado, histórico e com uma dinâmica peculiar. Nesse sentido, são trazidos os aportes da teoria bourdieusiana em busca de aproximações às questões pertinentes à pertença étnica em fronteira internacional. As questões que se colocam são: os moradores da fronteira Brasil-Paraguai podem ser denominados de brasiguaios, haja vista que cada vez mais a produção acadêmica tem se emaranhado numa polissemia em relação ao ser fronteiriço? Seriam melhor designados os moradores da fronteira Brasil-Paraguai pela fusão dos prefixos “brasi-guaios”? Além disso, como a noção de *habitus*, compreendida como ser e estar, corrobora para compreender as pertenças dos fronteiriços? Existe um *habitus* de fronteiriço? Brasiguaião e fronteiriço são sinônimos?

Em busca de se aproximar desses questionamentos, o estudo se pauta em recortes teóricos na temática da fronteira. Dentre os interlocutores apresentam-se Sprandel (2006), Cortez (1993) e Albuquerque (2009), para compreender as questões históricas e sociais a respeito da origem do termo “brasiguaios”, Weber (1991) e Barth (1998), para pensar as questões de pertencimento étnico-cultural e, por fim, Bourdieu (2011a, 2011b), Nogueira e Nogueira (2006) e Silva (2008), para abarcar a noção de *habitus*. Para focalizar a fronteira Brasil-Paraguai utilizam-se fontes da memorialística regional e estudos acadêmicos: Fedatto (2005) e Pereira (2002; 2009).

Compreender a identidade dos diferentes grupos populacionais presentes no Brasil há algum tempo vem sendo objeto de nossas pesquisas, focalizadas sob o viés étnico. Este estudo se aproxima do eixo dessas questões, ao tratar da pertenças fronteiriças, ou seja, entender como se dá a constituição de pertença dos “brasiguaios”, uma vez que ainda

Jacira Helena do Valle Pereira

nos dias de hoje, há um emaranhado de imprecisões de quando e como se pode empregar o referido termo.

Nesta proposta, organizam-se as reflexões tendo como suposto que o termo “fronteiriço” e os possíveis entendimentos do conceito de “brasiguai” produzem versões multifacetadas, históricas e com uma dinâmica peculiar. Opera-se no estudo a noção de *habitus* na compreensão do sentimento de “ser e estar” em área de fronteira e ousa-se propor elementos para o desenho de um *habitus* fronteiriço.

1 Brasiguaios ou fronteiriços: os movimentos de uma identidade

Neste tópico problematiza-se sobre o termo “fronteiriço”, em especial na fronteira Brasil-Paraguai, visto que há uma polissemia em relação ao seu conteúdo, em diferentes ocasiões os fronteiriços são identificados por “brasiguaios”.

A designação “brasiguaios” tem sido utilizada para referenciar povos que entrelaçam suas culturas, mas essa expressão também já foi requerida no campo político, em alusão aos brasileiros agricultores, que na década de 1980 ocuparam a faixa de fronteira.

As fontes históricas regionais, em especial produzidas por memorialistas da fronteira auxiliam com elementos históricos elucidativos do movimento da identidade fronteiriça. Fontes memorialísticas são produções que consideram a história oficial e elevam os feitos ocorridos na região, bem como as personalidades, com a finalidade de eternizá-las dentro da história, na maioria das vezes com um tom laudatório. Em geral, o autor memorialista tende a transmitir a sua experiência de vida e, com base no senso comum, constrói a sua narrativa, visto que há em suas obras representações de grupo, que chegam ao alcance de um público maior, consequentemente corroboram para desempenhar o papel construtor de uma identidade regional.

[...] os memorialistas, envolveram-se diretamente com as questões tratadas, foram protagonistas dos relatos e registraram impressões sobre o passado próximo ou sobre o presente, com base em suas lembranças, sem a pretensão de abordar a história de forma sistemática. (CENTENO, 2007, p. 33).

A iniciativa dos memorialistas em registrar, nas produções,

ARTIGO

BRASIGUAIOS OU FRONTEIRIÇOS? A NOÇÃO DE HABITUS PARA COMPREENDER O PERTENCIMENTO CULTURAL NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI

a história de determinado tempo e espaço contribui para o campo científico, especialmente por conter acontecimentos e/ou fatos importantes que direcionam as pesquisas e colaboram na composição da história regional. Todavia, observa-se que para o campo das Ciências Sociais a disposição de fontes memorialísticas regionais, sem dúvida, requer cautela, visto que essas obras são reiterativas e demandam a superação do historicismo, mas por outro lado não devem ser negligenciadas, afinal podem compor com significativos elementos a historiografia regional, de forma que são utilizadas, na primeira parte do trabalho, obras de três memorialistas brasileiros da fronteira Brasil-Paraguai, quais sejam: Reis (1981); Serejo (1983) e Freire (1999).

Na obra “Ponta Porã, polca, churrasco e chimarrão”, Elpídio Reis (1981) ao caracterizar o fronteiriço, traz uma identidade hifenizada (LESSER, 2001) - paraguaio-brasileiro -, lembra que possui uma linguagem típica da fronteira Brasil-Paraguai, numa mescla de três idiomas: o espanhol, o guarani e o português, mas vai além e ressalta: como o que é próximo fisicamente, também pode ser íntimo, construir relações interpessoais, romper quaisquer obstáculos.

[...] o homem típico da fronteira Brasil-Paraguai. É paraguaio porque nasceu no Paraguai, filho de pais paraguaios. É brasileiro porque se criou no Brasil e se casou com brasileira, tem filhos brasileiros. É comerciante e industrial no Brasil mas sua maior freguesia vive no Paraguai. Fala meio a meio, numa linguagem típica de fronteiriço Brasil-Paraguai. Não sabe a que país adora mais. É internacional. (REIS, 1981, p. 122, grifo nosso).

Esse trecho da obra de Reis (1981) é, a um só tempo, instigante, por explicitar o conflito identitário dos fronteiriços, e elucidativo. Numa área de fronteira, as relações não se restringem aos limites territoriais, assume uma face que incorpora elementos das diferentes línguas, tornando-se uma outra, no caso, uma quarta língua, aquela típica do fronteiriço. Numa mesma frase, por exemplo, encontra-se uma mescla de português, espanhol e guarani.

Em outro prefácio, desta feita referente à obra “Che Ru (Chirú) – O pequeno brasiguai”, de Brígido Ibanhes, o autor Elpídio Reis lembra que:

[...] os brasiguaios são em geral, mais felizes que os filhos de outras regiões. Em primeiro lugar porque são, de saída, internacionais [...] é

Jacira Helena do Valle Pereira

só atravessar a rua em Ponta Porã e já se está no Paraguai, ou no Brasil. [...] em segundo lugar porque os brasiguaios têm orgulho de dizer que nasceram numa fronteira onde os dois povos não têm consciência de que vivem em países diferentes. Para eles – fronteiriços – as duas nações são como se fossem uma só. [...] Os brasiguaios autênticos têm, pois, dupla razão para uma felicidade mais ampla. São duplamente felizes. Têm duas casas, duas pátrias. (IBANHES, 1988, p. 4-5).

O trecho acima sugere que o termo “brasiguai” vem de longa data e já foi utilizado em expressões românticas, sem conflitos de forma harmoniosa.

Hélio Serejo, escritor regional e fronteiriço, no conto “*Bendición*”, incluso na obra *Palanques da terra nativa*, ressalta a amizade, a convivência e a troca de experiências que resultariam na pluralidade cultural e religiosa dos fronteiriços.

A sagrada benção fronteiriça, a que irmana duas Pátrias amigas. Benção ou bendición, a qualquer hora do dia ou da noite, falam a mesma língua, num só mesmo pago, porque nasceram e cresceram ligadas. Benção brasileira ou bendición paraguaia, representam o mesmo respeito ao Senhor, em todos os instantes da vida. [...] Nunca existiu — e jamais existirão — fronteiras para benção e bendición. [...] Benção e bendición — como irmãos sem fronteiras — viverão sempre esparramento fé e confianza, amarradas ao palanque da tradição fronteiriça... (SEREJO, 1983, p. 59).

De modo geral, os escritores regionalistas apregoam a imagem de uma fronteira amistosa, comunidades nas quais os conflitos submergem. Como o memorialista Freire (1999) ressalta:

Existem palavras cujos significados transcendem sua restrita expressão e significam muito mais, atingindo, empolgando os sonhos de nossa mente, e a “fronteira” é uma delas, geográfica e historicamente é uma linha imaginária fixada pelo homem para dividir parte do mundo entre dois países; cortina transparente separando duas nações e confraternizando dois povos; raia onde começam países e terminam pátrias. Fronteira é portal de entrada, é sala de visitas, é prática diplomática, é saída de emergência, é porão, mas também é onde começa e termina a pátria, e onde dois povos se entendem e aprendem a viver sem fronteiras, lutando por um mundo melhor onde os homens se fazem amigos (FREIRE, 1999, p. 129).

Ao se lançar o olhar sobre estas e outras fontes memorialísticas da fronteira, apreende-se o que é simbólico para o homem da fronteira: as suas festas, as comidas típicas,

ARTIGO

BRASIGLIAIOS OU FRONTEIRIÇOS? A NOÇÃO DE HABITUS PARA COMPREENDER O PERTENCIMENTO CULTURAL NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI

as vestimentas, os jogos, as relações, a comunicação. No entanto, ao se deter na convivência dos fronteiriços, entende-se que os intercâmbios, apesar de intensos - afinal, a fronteira é um espaço vivo, dinâmico, facultando o entrelaçamento amplo e irrestrito entre as culturas -, não se exime a superação dos conflitos entre dois povos que são vizinhos. (FEDATTO, 2005). Algo que não será explorado pelos limites deste estudo, mas dá ideias de como existe uma forma cultural de fronteira, conseqüentemente, um modo de ser na fronteira. Ou melhor, na fronteira são criadas pertencas/sentimentos com o lugar.

A zona fronteiriça é uma zona híbrida, babélica, onde os contatos se pulverizam e se ordenam segundo micro-hierarquias pouco suscetíveis de globalização. Em tal zona, são imensas as possibilidades de identificação e de criação cultural, todas igualmente superficiais e igualmente subvertíveis [...]. (SANTOS, 1994, p. 51, grifo nosso).

Com isto, quer se afirmar que, em zona de fronteira, há toda uma forma cultural ocasionada pelos contatos que se pulverizam em face da presença de contingentes populacionais oriundos de diferentes localidades.

O contexto global do regresso das identidades, do multiculturalismo, da transnacionalização e da localização parece oferecer oportunidades únicas a uma forma cultural de fronteira precisamente porque esta se alimenta dos fluxos constantes que a atravessam. A leveza da zona fronteiriça torna-a muito sensível aos ventos. É uma porta de vai-vem, e como tal nem nunca está escancarada, nem nunca está fechada. (SANTOS, 1997, p. 154-5, grifo nosso).

Ou ainda, há singularidades locais, ou seja, “formas de cultura da fronteira” que podem ser apreendidas nos estudos sobre a fronteira, principalmente na compreensão da identidade, ocasião propícia ao combate da ideia de que a sociedade é construída como um mosaico formado por culturas, etnicidades e nacionalidades diferentes, cada uma delas estática e cristalizada, retirando de cena a relação dinâmica entre as culturas.

O termo “fronteiriço”, como mencionado, é polissêmico, normalmente associado a quem está no limite, mas a fronteira não é o limite. É uma zona de contato que “[...] cristalizada se torna então ideológica, pois justifica territorialmente as relações de poder.” (RAFFESTIN, 1993, p. 165).

Para Souza (1999), é nessa ambiência fronteiriça e, principalmente, em núcleos urbanos mais populosos e com

Jacira Helena do Valle Pereira

estrutura social mais complexa que encontra-se uma integração informal sobrevivente às conjunturas políticas e formalidades legais. Os fatores responsáveis por tal convivência são vários e destacam-se relações de parentesco, como os de casamento, atividades econômicas, tanto de comércio como de contrabando, uma história partilhada de interação e complementaridade (WONG-GONZALES, 2002) que é construída por um sentimento comum e coletivo.

Ao se realizarem estudos nessa perspectiva, apreende-se a essência de um modo de vida interpenetrado pelas diversas concepções e práticas daqueles que a habitam, uma vez que na fronteira formam-se laços espontâneos, independentes da linha oficial demarcada pelos Estados fronteiriços.

A proximidade geográfica das cidades da fronteira, a exemplo das fronteiras geminadas/conurbadas, propicia cotidianamente o compartilhamento do território e, conseqüentemente, de toda uma produção humana, o que torna pública toda construção cultural dos fronteiriços. Logo, os dois lados da fronteira passam a comungar dessas criações. E são essas criações que engendram um sentimento de pertencimento ao lugar, ao local, à fronteira. É quando essas mesmas criações deixam de pertencer a um ou a outro país e passam a pertencer aos fronteiriços.

As fronteiras são fluxos, mas também obstáculos, misturas e separações, integrações e conflitos, domínios e subordinações. Elas representam espaços de poder, de conflitos variados e de distintas formas de integração cultural. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 05).

Em face dessa exposição, questiona-se: qual seria a designação que mais se aproxima da real condição de identificação dos moradores da fronteira Brasil-Paraguai? Seria aquela dada pela fusão dos prefixos “brasi-guaios”? Para pensar a identidade atual dos “brasiguaios”, é necessário que se conheça um pouco de sua origem, esta que se deu pela expulsão e venda de terras dos agricultores do sul do Brasil, expulsão de sulistas do sudoeste e oeste do Paraná em meados do século XX, nas décadas de 1950 e 1960. Nesse período, as expulsões se intensificaram devido à substituição da cultura do café pelo cultivo da soja.

Nessas condições originaram-se algumas estratégias geopolíticas de penetração e ocupação da fronteira, assim como aponta Cortez (1993, p. 16).

ARTIGO

BRASIGUAIOS OU FRONTEIRIÇOS? A NOÇÃO DE HABITUS PARA COMPREENDER O PERTENCIMENTO CULTURAL NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI

Para participar de sua “partilha”, bastava ser aliado dos novos mercadores. Desta vez, eles já não precisavam mais escravizar os índios que restaram, para o trabalho de abertura de novas fazendas, como fizeram os primeiros colonizadores. Seus sucessores agora o trabalho de empurrar, para além da fronteira, os colonos que estavam expulsando do oeste paranaense, onde haviam se fixado, vindos do Sul, atraídos pela fertilidade do solo. Assim os novos mercadores garantiam não só a mão-de-obra para as derrubadas e início da colonização, mas, também, o domínio da nova fronteira, com o apoio estratégico dos governos, através de incentivos fiscais e das estruturas dos quartéis.

Inicialmente, os brasileiros se aproximavam da fronteira do Brasil com o Paraguai por conta das oportunidades de empregos ofertadas, período da construção da Ponte da Amizade e da Usina Itaipu. Posteriormente, os deslocamentos se deram com vista não apenas nas maiores oportunidades de emprego, mas também para a aquisição de terras, fato que foi identificado pela existência de muitas famílias brasileiras, vivendo como camponeses e proprietários de fazendas no Paraguai. Tal fato também foi identificado como “estratégias geopolíticas” por estudiosos como Albuquerque (2009).

Em 1985, com a criação do Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário, cerca de dez mil brasileiros se organizaram para retornar ao Brasil, exigindo terras. Foi em razão desse acontecimento que surgiu a identificação “brasiguai”, referida especificamente a esse grupo e, posteriormente, ampliada pelo senso comum para todos os brasileiros que residem no Paraguai. (SPRANDEL, 1998, p. 14).

Ao abordar a questão da ocupação de terras no Paraguai, Cortez (1993) utiliza o termo “violência institucionalizada” para descrever detalhadamente como ocorreu a ocupação da fronteira, quem foram os primeiros ocupantes e quais foram os principais conflitos, suas características, bem como os principais acontecimentos políticos e sociais do período. Diante de seus apontamentos, percebe-se que na origem dos brasiguaiois se encontrava uma grande diversidade de povos, estes oriundos de regiões distintas do Brasil. Identifica-se essa característica como o primeiro marco identitário desses povos, ou seja, um grupo que foi consolidado sob uma ampla diversidade étnica e cultural.

As primeiras identificações dos brasiguaiois fazem referência à condição de brasileiro, estrangeiro e pequeno

Jacira Helena do Valle Pereira

agricultor expropriado dos direitos civis, políticos e sociais dos lados do limite internacional. Também eram considerados “ladrões” de terras paraguaias, ou ainda, grande proprietário invasor e destruidor da natureza (SPRANDEL, 1998).

Albuquerque (2009) os identifica como imigrantes pobres, grandes fazendeiros brasileiros, filhos dos imigrantes que já nasceram no Paraguai, imigrantes e seus descendentes que falam um “idioma fronteiriço” e todos os imigrantes brasileiros que moram no Paraguai.

Discorda-se de Albuquerque (2009) em relação à categorização destes como “imigrantes” ao se referir aos deslocamentos populacionais de brasileiros para o Paraguai, desde 1950. A posição aqui adotada vai ao encontro de Sprandel (1998, p. 15). A autora afirma que:

[...] dificilmente poderíamos considerar os pequenos produtores rurais brasileiros residentes no Paraguai como ‘imigrantes brasileiros’ naquele país. Dentre aqueles que optam por uma estratégia de adaptação que implica no registro dos filhos como cidadãos paraguaios e no aprendizado das línguas oficiais do país, o castelhano e o guarani, o Paraguai não é exatamente um país escolhido para emigrar.

A autora supramencionada, que é uma das primeiras pesquisadoras do movimento brasiguai, ratifica que não se trata de que migração é algo compelido, eles foram acuados.

Um permanente contato social e econômico com cidades paranaenses e sul-matogrossenses, limítrofes, descaracteriza ainda mais a identificação do deslocamento espacial realizado como *emigração* brasileira para o Paraguai. Pela própria atividade econômica que exercem, os brasileiros no Paraguai e posso afirmar que também em outros países limítrofes, estão lá em busca da terra para plantar, da seringueira para trabalhar, de ouro ou diamantes para extrair. Neste sentido, o território pode ser estrangeiro, mas a terra de plantio, a vegetação e os veios minerais são iguais aos deixados no Brasil. (SPRANDEL, 1998, p. 15).

As leituras sobre os brasiguaios fazem identificá-los, desde suas origens, como pessoas oriundas de grupos distintos (afinal, são sul-mato-grossenses, paranaenses, paulistas) que por interesse social e econômico, encontraram em área de fronteira oportunidades de se estabelecer e constituir-se como pertencente a ela, assim pensam-se nas múltiplas pertenças culturais que compõem o termo “brasiguai”, termo que leva a

ARTIGO

BRASIGUAIOS OU FRONTEIRIÇOS? A NOÇÃO DE HABITUS PARA COMPREENDER O PERTENCIMENTO CULTURAL NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI

refletir sobre as diferentes culturas incorporadas a esse grupo populacional.

Logo, compreender o termo “brasiguai” é uma tarefa árdua que exige pensar a constituição dessas múltiplas identidades, uma vez que o reconhecimento do agente “brasiguai” pode ser relacionado a uma zona de interesses por vezes presentes e ausentes dependendo das situações vivenciadas. Para Albuquerque (2009), a identificação dos “brasiguaios” altera de acordo com os interesses das relações de conflito, pois os que são denominados “brasiguaios” teriam preocupação em utilizar a identificação, por conta de seus interesses. Albuquerque (2009) aponta que nem todos os brasileiros que estão no Paraguai gostam de ser identificados como “brasiguaios”, pois esse termo em algumas situações é interpretado negativamente pela sociedade.

Sprandel (2006) entende que as pessoas que formam esse grupo provêm não apenas de origens territoriais diferentes, como também possuem capitais diversificados. Sendo assim, ao pensar a constituição do referido grupo, implicam a identificação de pertenças culturais e elementos identitários comuns.

Os capitais social e cultural (BOURDIEU, 2011a) compõem a realidade brasiguai e dão um sentido de grupo. Se focar o capital social nas relações entre os “brasiguaios”, certamente se encontrarão relações com base em sentimentos, isto é, relações de amizade, trocas de experiências, relações cotidianas, profissionais, troca de informações ou por interesse em status. De alguma maneira, esse grupo tão distinto entre si carrega uma característica identitária comum, pois partilha do mesmo território, atividades econômicas etc. Enfim, corroborase o entendimento de Bourdieu (2011a, p. 67) de que o capital social propicia a “[...] vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis”. (BOURDIEU, 2011a, p. 67).

Identifica-se, então, o grupo dos “brasiguaios” composto por pessoas com diferentes pertencimentos culturais, mas que constituem uma nova identificação a partir do momento que passam a partilhar de um território geográfico comum, de conflitos próprios, com questões políticas e sociais relacionadas

Jacira Helena do Valle Pereira

entre si na área de fronteira. Pierre Bourdieu (2011b, p. 215) dá uma contribuição sobre fronteira: “[...] a fronteira é um produto de acto jurídico de delimitação, produz diferença cultural do mesmo jeito que é produto desta [...]”.

No trabalho de Terenciani (2011), *brasiguai* foi o termo designado por estudantes e professores da fronteira que acionavam uma identidade fronteiriça, por vivenciarem uma “[...] territorialidade múltipla e híbrida na fronteira, transitando entre os dois países, representando assim, o fronteiriço.” (TERENCIANI, 2011, p. 19). A referida autora considerou, a partir de sua pesquisa de campo, que no contexto atual na fronteira de Ponta Porã-Pedro Juan Caballero o “*brasiguai*” é o sujeito paraguaio que possui a nacionalidade brasileira.

Sendo assim, a posição que ocupam e as partilhas socioculturais fazem compreender que os chamados “*brasiguaios*” não são simplesmente os brasileiros que imigraram para o Paraguai, ou paraguaios que migraram para o Brasil, são grupos humanos que carregam consigo a marca de ser e estar fronteiriço, pois são vistos e lembrados por estarem na condição de fronteira ou ainda de partilharem uma forma cultural da fronteira. Concorde-se com Soares (2010) sobre o que é um fronteiriço:

Além das suas nacionalidades, eles assimilam uma denominação em comum: são fronteiriços ou transfronteiriços, pessoas que vivem em um território que mescla aspectos dos dois países simultaneamente. O fronteiriço tem características na linguagem, na alimentação, nas comemorações cívicas e cria novas formas de comunicação. (SOARES, 2010, p. 163).

Em síntese, *brasiguai* é um conceito resultante de uma identidade fusionada, que independe daquele termo utilizado inicialmente nos conflitos agrários dos anos de 1950 e também da sua forma idílica, expressa na memorialística regional. É uma expressão plena e viva de significações para os brasileiros, que se encontram com a cultura paraguaia nas fronteiras. Sem dúvida, os moradores da fronteira Brasil-Paraguai são hoje melhor designados pela fusão dos prefixos “*brasi-guaios*”, afinal constituem-se em um só povo e grupo cultural: são “*brasiguaios*”.

2 Pertencas na fronteira: o desenho do *habitus* fronteiriço

ARTIGO

BRASIGUAIOS OU FRONTEIRIÇOS? A NOÇÃO DE HABITUS PARA COMPREENDER O PERTENCIMENTO CULTURAL NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI

[...] as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidade em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso. (SANTOS, 1994, p. 31).

A tese que sustenta a proposição deste tópico é a de que o grupo de brasiguaios se constitui a partir de práticas, representações e sensações de pertencimento por parte dos agentes que o compõem, isto é, forma um *habitus* de fronteiriço.

Habitus é compreendido como um modo de ser e estar. Logo, em relação à condição de grupo dos “brasiguaios”, opta-se por delimitar a compreensão de grupos étnicos e o que caracteriza as pertencas de grupo, ou seja, a etnicidade.

Max Weber, na obra “Economia e Sociedade”, traz algumas considerações sobre os termos “raça”, “etnia” e “nação”. Ao falar em “etnia”, ele contempla a questão de grupos étnicos, por uma visão sociológica. Ele se refere a esses grupos dando-lhes características específicas, e ainda como uma forma de organização social,

[...] esses grupos alimentam uma crença subjetiva em uma comunidade de origem fundada nas semelhanças de aparência externa ou dos costumes, ou dos dois, ou nas lembranças da colonização ou da migração, de modo que esta crença torna-se importante para propagação da comunalização, pouco importante que uma comunidade de sangue exista ou não objetivamente. (WEBER, 1991, p. 59).

A ideia de comunidade: “[...] uma relação social deve ser definida como comunidade se, na disposição do agir social, apóia-se – em um único aspecto, em alguma medida ou de maneira geral – **sobre um sentimento comum de pertencimento (afetivo ou tradicional)** dos indivíduos que a ela pertencem.” (WEBER, 1968, p. 38, grifo nosso).

A etnicidade, enquanto forma de expressão da etnia, é compreendida com fundamento em Barth (1998), logo é uma forma de organização social que se respalda na interação social, visto que nas relações são ativados signos culturais

Jacira Helena do Valle Pereira

diferenciadores, que possibilitam aos sujeitos identificarem-se e serem identificados pelos outros com base na dicotomia nós/ eles. Esses signos ou traços culturais diferenciadores supõe-se que tenham uma gênese comum e múltiplos laços culturais, históricos e territoriais, sem, contudo, expressar um dado advindo do nascimento, mas uma referência baseada na identidade construída nas práticas sociais. Além disso, os signos e traços culturais serão sempre simbólicos e mutáveis.

Barth (1998) compreendeu que os grupos étnicos estão relacionados à questão cultural, à linguagem e aos costumes, e que por vezes são confundidos com a raça. “[...] grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores e assim, têm a característica de organizar a interação entre as pessoas.” (BARTH, 1998, p. 189).

Grosso modo, a construção da identidade, da etnicidade, não encontra padrões uniformes. Cada sujeito dará sentido à sua identidade conforme o sentimento de pertencimento que mantém. Na construção da etnicidade, como assevera Armstrong (apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 83) “[...] os mecanismos das fronteiras étnicas existem na cabeça dos sujeitos antes que como linhas num mapa ou como regras de um manual.” Concorda-se com Cabral e Lourenço (1993, p. 162), que num estudo em Macau, território de intensa circulação de grupos de diferentes origens, observaram que “Perante situações muito semelhantes, as opções identitárias de cada pessoa podem ser radicalmente diferentes”. Para esses autores, isto ocorre porque as pessoas optam por “[...] posicionamentos distintos por razões que só o seu passado pessoal e psicológico poderá determinar.” (CABRAL; LOURENÇO, 1993, p. 162).

As identificações das pertencas culturais são partes de um processo dinâmico de invenção, tanto na forma como no conteúdo. Dentro do grupo, os membros ocultam e negociam as significações identitárias, de modo que se situem como melhor lhes convier nas relações. Desde Barth, sabe-se que as fronteiras entre grupos étnicos podem se tornar permeáveis ou desaparecer, levando à fusão de etnias previamente separadas. Esse movimento pode fazer emergirem novas fronteiras ou ocasionar a mudança de lugar das velhas fronteiras, possibilitando a emergência de novas etnias ou a reformulações das antigas.

A etnicidade se respalda na interação social, visto que as

ARTIGO

BRASIGLIAIOS OU FRONTEIRIÇOS? A NOÇÃO DE HABITUS PARA COMPREENDER O PERTENCIMENTO CULTURAL NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI

relações e os traços culturais são diferenciadores e possibilitam aos sujeitos identificarem-se e serem identificados pelos outros. Esses traços culturais diferenciadores possibilitam que os sujeitos tenham comuns e também múltiplos laços culturais, históricos e territoriais, sem que fiquem presos às suas origens, porém sempre com uma referência baseada na identidade construída nas práticas sociais. Pode-se afirmar que o sujeito que está fora de seu grupo social de origem poderá ser reconhecido etnicamente pelas características de sua identidade pessoal, ou seja, pelos seus costumes e culturas, ou até mesmo pela comparação com o outro. O ato de comparar tem base em questões culturais ou mesmo por questões fenotípicas - aspectos físicos, cor, cabelo etc.

Poderia-se, então, caracterizar os “brasiguaianos” como constituidores e pertencentes na condição fronteiriça de uma identificação coletiva de grupo, na qual o compartilhamento de uma condição cultural forma um *habitus*, que adjetiva-se de *habitus* fronteiriço.

O *habitus* é um conjunto de disposições ligadas a um estilo de vida peculiar que o conforma. Bonnewitz (2003, p. 75) afirma que: “Ele garante a coerência entre a sua concepção da sociedade e a do agente social individual; fornece a articulação, a mediação entre o individual e coletivo. Por meio desta noção, surge uma teoria específica da produção social dos agentes e de suas lógicas de ação.”.

À medida que os agentes sociais interagem entre si, fazem trocas simbólicas ou intelectuais, demonstram, por suas atitudes, características do seu *habitus*. Assim, pode-se afirmar que esses compartilhamentos de informação não apenas o caracterizam, como também o constituem, dando origem ao que chamamos até aqui de “características de um grupo social”.

Por considerar relevante a ideia de grupo social, associa-se com Bonnewitz (2003, p. 76) a ideia de socialização: “A socialização corresponde ao conjunto de mecanismos pelos quais os indivíduos realizam a aprendizagem das relações sociais entre os homens e assimilam as normas, os valores e as crenças de uma sociedade ou de uma coletividade”. Assim, todo grupo social é organizado por normas que são constituídas a partir de algumas regras sociais, forma de linguagem, comportamentos e valores, este último que por sua vez faz jus às honras de um povo/grupo social, ou seja, questões consideradas importantes

Jacira Helena do Valle Pereira

para esse grupo. Pode-se afirmar que a socialização é responsável pela constituição do *habitus* de grupo.

Nesse sentido, compreende-se que se tratam de espaços sociais partilhados por agentes de grupos distintos que se traduzem nas diferenças de *habitus*. “O *habitus* [...] é um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que **incorpora as estruturas imanentes de um mundo [...] que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nesse mundo**”. (BOURDIEU, 2005, p. 144, grifo nosso).

Em Silva (2008, p. 95) compreende-se que: “À medida que as condições sociais e históricas são alteradas, o *habitus* também se modifica e vai incorporando outros esquemas de percepção e ação, que irão contribuir para a conservação ou a transformação de suas estruturas.” O *habitus* não é algo estático, ele é dinâmico e pode ser organizado de acordo com as necessidades e situações vivenciadas no meio em que o agente social está inserido, assim entende-se que ele é social, porém definido pela classe social ou pelo étnico, conforme estudos de Casa-Nova (2002, 2005), quando o *habitus* étnico se sobrepõe a classe social.

Pelo acima exposto, considera-se a constituição para o grupo de brasiguaios de um “*habitus* de fronteiriço”, isto é, semelhante a um “*habitus* étnico”, noção que apreende-se em Antunes (2008), visto que a autora portuguesa desenvolveu estudos etnográficos com minorias ciganas, problematizando as pertencas culturais do referido grupo étnico.

[...] o *habitus* étnico é construído durante os processos de socialização primária, numa educação familiar fortemente influenciada pela etnicidade e nas relações de sociabilidade intra-étnicas entre crianças e adultos e é definido, não pela posse de capital económico, mas antes na base de uma importante homogeneidade no que concerne aos estilos e oportunidades de vida, tendo subjacente uma certa ‘filosofia de vida’. Esta filosofia é condicionadora das suas formas de actuação, moldada por um *ethos* transversal e comum por relação ao qual os comportamentos e atitudes desta comunidade são capital cultural no estado institucionalizado (BOURDIEU, 1977) e à instituição escolar e também aos sistemas de trabalho da sociedade maioritária (CASA-NOVA, 1999, p. 204).

O *ethos* do grupo joga um papel relevante para sua constituição, visto que o *ethos* forma um sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados. (BOURDIEU, 2008).

ARTIGO

BRASIGUAIOS OU FRONTEIRIÇOS? A NOÇÃO DE HABITUS PARA COMPREENDER O PERTENCIMENTO CULTURAL NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI

Além disso, pode-se concordar com Casa-Nova (2005), segundo o qual o *habitus* étnico pode ser utilizado para grupos que constantemente cruzam suas identidades, nas relações nós e os outros, e conseqüentemente tende a se sobrepor ao *habitus* de classe.

Em estudo [...] com famílias ciganas, a autora considera que a *pertença étnica se sobrepõe à pertença de classe* no que concerne aos processos de socialização e educação familiares na estruturação do *habitus primário* e nos comportamentos das crianças, jovens e adultos daquela etnia, dado a *pertença étnica se ter revelado largamente definidora das formas de actuação dos elementos da comunidade estudada/em estudo*. (CASA-NOVA, 2005, p. 209-10, grifo do autor).

Mas que elementos são considerados na formação de um *habitus* fronteiriço? Inicialmente, cabe considerar que a objetivação de um *habitus* se dá por meio de práticas visíveis. A estética dos atos é reveladora do modo de ser e agir como fronteiriço. Não precisa ser dito. O fronteiriço sente-se e percebe-se, está na condição de fronteira, partilha-se a cultura.

O *habitus* está no princípio de encadeamento das “ações” que são objetivamente organizadas como estratégias sem ser de modo algum o produto de uma verdadeira intenção estratégica (o que suporia, por exemplo, que elas fossem apreendidas como estratégias entre outras possíveis). (BOURDIEU, 2008, p. 61).

Como se constatou no estudo, há uma polissemia do termo “brasiguai” em relação ao termo “fronteiriço”, portanto trata-se de um terreno escorregadio para o desenho do que é ser fronteiriço. Logo, o *habitus* de fronteiriço tem relação com o sentimento e o desejo de se identificar como fronteiriço. É o ser e estar na fronteira, ter as disposições para partilhar o que compõe os dois territórios.

As práticas culturais, que são dinâmicas, dos dois lados da fronteira Brasil-Paraguai, mesclam-se, agregando-se à identidade do fronteiriço. Tanto a cultura paraguaia influencia a brasileira como o inverso também é verdadeiro. Dentre as principais práticas advindas do Paraguai, destacam-se: o bebericar do mate nas rodas de tereré, o consumo de chipa, de sopa paraguaia e de um prato típico da região denominado “locro”, espécie de comida caldeada com milho e carne com ossos, além da música paraguaia, especialmente a polca e a guarânia, bastante apreciadas nos bailes brasileiros da área fronteiriça e em outras partes do Estado de Mato Grosso do Sul

(PEREIRA, 2002).

Por outro lado, dentre as práticas brasileiras apreciadas pelos paraguaios, há o hábito de comer a feijoada e o churrasco, este último sob a influência dos gaúchos que vieram habitar a área desde a fundação da Matte Larangeira; com o tempo, a mandioca foi incorporada como acompanhamento da carne, o que já é uma contribuição paraguaia. A mandioca, inicialmente utilizada por índios guaranis, foi assimilada pelos paraguaios, sendo hoje alimento consolidado na dieta sul-mato-grossense. Na cidade de Ponta Porã, os festejos carnavalescos contam com a efetiva participação dos paraguaios, que demonstram gosto pelo samba e por outros ritmos brasileiros.

Os paraguaios demonstram muita alegria, mesmo no luto. São comuns os velórios tornarem-se acontecimentos festivos, com comidas e músicas. Guimarães Rosa (1978, p. 20) no conto Sanga Puitã, escrito quando viajou pelo sul de Mato Grosso, registrou o intercâmbio fronteiriço e a alegria do povo paraguaio: “[...] o violão, para o Paraguai, é arma de combate e ferramenta de lavoura. Se verdadeira, bela é a história, se imaginada, ainda mais”.

Sem dúvida, existe no movimento que desenha uma identidade brasiguiaia, um *habitus* ou um pertencimento como fronteiriço e, para não concluir, considera-se que a identidade “brasiguiaia” ou a “identidade fronteiriça” está a demandar estudos sobre sua ressignificação nos nossos dias, afinal, Setton (2002) auxilia a compreender que o *habitus* é social, é histórico, movimenta-se.

Habitus não é destino. *Habitus* é uma noção que me auxilia a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica. Um sistema de orientação ora consciente, ora inconsciente. *Habitus* como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas. (SETTON, 2002, p. 61).

Perscrutar historicamente como se constitui o *habitus* de grupo ou um *habitus* étnico é fundamental, uma vez que é um princípio explicativo das práticas e representações dos indivíduos em situações específicas e particulares, como no caso da fronteira Brasil-Paraguai. O *habitus* é uma mediação construída processualmente durante a trajetória de cada agente, nas suas experiências vividas, interiorizadas, incorporadas durante o processo de socialização, quando se percorrem os mais diferenciados campos.

BRASIGUAIOS OU FRONTEIRIÇOS? A NOÇÃO DE HABITUS PARA COMPREENDER O PERTENCIMENTO CULTURAL NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI**Referências Bibliográficas**

ALBUQUERQUE, J. L. C. *As línguas nacionais na fronteira Paraguai-Brasil*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FRONTEIRAS ÉTNICO-CULTURAIS E FRONTEIRAS DA EXCLUSÃO. O desafio da interculturalidade e da equidade: a etnicidade no contexto de uma sociedade intercultural, 3., 2006. 1 CD-ROM.

ALBUQUERQUE, J. L. C. *A dinâmica das fronteiras: Deslocamento e circulação dos "brasiguaios" entre os limites nacionais*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, no. 31: p. 137-166, jan./jun. 2009.

ANTUNES, S. M. L. S. *Construir o que não é herdado: casos de sucesso escolar na minoria cigana*. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa Departamento de Sociologia. 2008.

BARTH, F. *Grupos étnicos e suas fronteiras*. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo, Unesp, 1998.

BOURDIEU, P. *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. Tradução Mariza Corrêa. 7. ed. Campinas, São Paulo, 2005.

BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 9. ed. Tradução Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 2008.

BOURDIEU, P. *Escritos da educação*. Nogueira, Maria A.; Catani, Afrânio (Org.). 12. ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2011a.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Trad.: Fernando Tomaz. 15. ed. Rio de Janeiro: Brasil, 2011b.

BONNEWITZ, P. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CABRAL, P. J.; LOURENÇO, N. *Em terra de tufões. Dinâmicas da etnicidade macaense*. Macau. Instituto Cultural de Macau. Coleção documentos e ensaios. (6).1993.

CASA-NOVA, M. J. *Etnicidade e educação familiar: o caso dos ciganos*. Rev. Teoria e Prática da Educação, V. 8, no. 2, 207-214.

CENTENO, C. V. 2007. *Educação e fronteira com o Paraguai na historiografia mato-grossense (1870-1950)*. Tese de Doutorado,

Jacira Helena do Valle Pereira

Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. 2007.

CORTÊS, C. *Os brasiguaios*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

FEDATTO, N. A. S. F. *Educação em Mato Grosso do Sul: limitações da escola brasileira numa divisa sem limites na fronteira Brasil-Paraguai*. In: OLIVEIRA, Tito M. de (Org.). *Território sem limites: estudos sobre fronteiras*. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2005, p. 491-510.

FREIRE, J. P. *Terra, gente e fronteira*. Ponta Porã: Gráfica Editora Borba Ltda. 1999.

IBANHES, Brígido. *Che Ru (Chirú) – O pequeno brasiguai*. Campo Grande: Alvorada, 1988.

LESSER, J. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. M. N. *Bourdieu & a educação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2006. 2.ed.

PEREIRA, J. H. V. *Educação e fronteira: processos identitários de migrantes de diferentes etnias. Tese (Doutorado em Educação)*. São Paulo: Faculdade de Educação – USP, 2002.

PEREIRA, J. H. V. *Diversidade cultural nas escolas de fronteiras internacionais: o caso de Mato Grosso do Sul*. *Revista Múltiplas Leituras*, v. 2, n. 1, p. 51-63, jan./ jun. 2009.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo, Unesp, 1998.

REIS, E. *Ponta Porã: polca, churrasco e chimarrão*. Rio de Janeiro : Folha Carioca, 1981.

RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo : Ática, 1993.

ROSA, G. *Contos*. Nacional: São Paulo, 1978.

SANTOS, B. S. *Pela mão de Alice - o social e o político na pós-modernidade*. Porto : Edições Afrontamento, 1997.

SANTOS, B. S. *Modernidade, identidade e a cultura de fronteira*. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo*, V. 5 (1-2). p. 31-52.

SEREJO, H. *Palanques de terra nativa*. Curitiba: Editora Littero-Técnica, 1983.

ARTIGO

BRASIGLIAIOS OU FRONTEIRIÇOS? A NOÇÃO DE HABITUS PARA COMPREENDER O PERTENCIMENTO CULTURAL NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI

SETTON, M. G. J. *A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea*. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, V. 20, p. 60-70.

SILVA, M. A. S. S. *A utilização do conceito de habitus em Pierre Bourdieu para a compreensão da formação docente*. Revista Extra-Classe, V. 1, no. 2. Rio de Janeiro. 2008.

SOARES, M. V. C. *A televisão na fronteira*. In: NUÑES, A.; PADOIN, M.; OLIVEIRA, T. C. M. (Org.). 2010. *Dilemas e diálogos platinos*. Dourados, MS: Ed.UFGD, 2010. p. 159-172.

SOUZA, S. B. *Estâncias brasileiras na fronteira Uruguia no começo do século XX. Simpósio Nacional da ANH (20: 1999: Florianópolis). História: fronteiras/ANH*. São Paulo: FFLCH/USP: ANPUH, 1999. V. II. 729-736.

SPRANDEL, M. A. *A terra é estrangeira, mas a da minha roça é igual*. In: *XXII Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambú, 27 a 31 de Outubro de 1998. GT 09 - Migrações Internacionais.

SPRANDEL, M. A. *Brasileiros na fronteira com o Paraguai*. Estudos Avançados, V. 20, no. 57. p. 137-166.

TERENCIANI, C. *Multi/interculturalidade e ensino de Geografia: reflexões a partir das práticas docentes em escolas na fronteira Brasil-Paraguai em Mato Grosso do Sul*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Dourados: Faculdade de Ciências Humanas - Universidade Federal da Grande Dourados, 2011.

WEBER, M. *Economia e sociedade*. V. 1. Brasília: UnB, 1991.

WONG-GONZALES, P. *Alianzas estratégicas de Regiones transfronterizas: cooperación y conflicto en la frontera USA-Mexico*. MASI, F.; BORDA, D. *Economías Regionales y Desarrollo Territorial*. Asunción: CADEP, 2002.

Recebido em: 15/10/2013 - Aceito em: 28/11/2013